

Conversas & Controvérsias



e-ISSN: 2178-5694

Revista de Graduação e Pós-Graduação em Ciências Sociais
Escola de Humanidades
Departamento de Ciências Sociais e
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Perfil dos manifestantes pró e contra o *impeachment* de Dilma Rousseff em Porto Alegre

Profile of protesters for and against the impeachment of Dilma Rousseff in Porto Alegre

Iara Cunha Passos¹

Thainan Piuco²

Resumo

Pesquisa quantitativa que investiga o perfil dos manifestantes a favor e contra o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff e versa sobre o engajamento político dessas manifestações em Porto Alegre, com enfoque nas implicações das novas tecnologias de informação e comunicação - as TIC's - presentes nos processos contestatórios. O contexto em que se dá a pesquisa é o ano de 2016, quando na ocasião elaborou-se um questionário com 22 questões no *Google Forms*, divulgado em redes sociais, sobretudo em grupos e eventos do *Facebook*. Com base nos resultados, que serão expostos neste artigo, fizemos uma breve análise de quem seriam estes atores pró e contra o *impeachment*, assim como também algumas hipóteses apoiadas em uma sociologia da ação coletiva e de movimentos sociais.

Palavras-chave: manifestações; *impeachment*; engajamento; Porto Alegre; TIC's.

Abstract

This quantitative research proposes to investigate the profile of protests against and in favor of the ex-president Dilma Rousseff's impeachment and talks about the politic engagement of those protests at Porto Alegre, focuses the implications of the information and communication new technologies – in Portuguese TIC's – present in the contestatory processes. This research's context was 2016 when a questionnaire with 22 questions was elaborated on Google Forms and was disseminated in social networks, mainly in groups and events on Facebook. Based on the results, wich will be introduced in this paper, it was made a brief analysis of whose groups these protesters would belong, as well as some hypotheses based on a sociology of collective action and social movements.

Keywords: manifestations; *impeachment*; engagement; Porto Alegre; ICTs

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é graduanda em estatística pela UFRGS e mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS) da mesma universidade. E-mail: iaracpassos@gmail.com

² Atualmente cursa graduação em Ciências Sociais (Licenciatura) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: thainanpiuco@hotmail.com



Introdução

Este artigo parte de uma instigação latente para sociólogos que vêm há tempos estudando engajamento militante e movimentos sociais: em tempos de *hashtags*, as lógicas contestatórias não são mais as mesmas. A partir dessa questão, propusemos a seguinte investigação: quais as implicações da difusão das TIC's³ no ativismo e nos processos de organização e mobilização social nas manifestações pró e contra o *impeachment* de Dilma Rousseff em Porto Alegre. Essa reflexão trata de fenômenos recentes. O processo de *impeachment* teve a palavra final do Senado em 31 de outubro de 2016. Ainda, são constantes as transformações das redes sociais virtuais, podendo citar a expansão do WhatsApp, popularizada no Brasil nos últimos cinco anos. Os estudos ainda são incipientes dentro dessas temáticas, o que torna a pesquisa ainda mais desafiadora.

As áreas de conhecimento foram e seguem sendo afetadas e reconfiguradas por uma nova cultura digital, a ética científica passa a ser repensada e a própria metodologia usada no presente trabalho faz com que (re) pensemos nossos métodos, abordagens e caminhos da pesquisa. As TIC's não apenas causam impactos, como parece ser tratado algumas vezes de forma determinista, mas (re)criam e (re)constroem os movimentos sociais, as formas de engajamento e nossos óculos conceituais sobre esses mesmos fenômenos sociais.

O questionário utilizado para a realização da pesquisa foi elaborado com o auxílio da ferramenta *Google Forms*, estruturado da seguinte maneira: uma seção com cinco questões socioeconômicas e uma última que perguntava se o respondente havia participado de manifestações pró ou contra o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff ("Você participou de manifestações pró *impeachment* ou contra o *impeachment* no Rio Grande do Sul?") com três opções de respostas: "Sim, pró-*impeachment*", "Sim, contra *impeachment*", "Não". Para aqueles que respondiam algumas das opções com "sim" era carregada uma nova seção do questionário, em que constavam 22 questões – abertas ou de múltipla escolha, algumas permitiam mais de uma resposta – relacionadas a três blocos: 1) trajetória de engajamento e ativismo político; 2) utilização de tecnologias de informação e comunicação (TIC's); 3) representações dos respondentes em relação às manifestações pró e contra *impeachment* e à ação da polícia nas manifestações.

O *link* do questionário foi divulgado em grupos e páginas do *Facebook*. Tentou-se a divulgação em páginas, grupos e eventos que apoiavam ou não o *impeachment*. Porém, foi notória a dificuldade em conseguir respondentes que haviam ido às manifestações a favor do *impeachment*, devido ao fato de que as redes que os autores estão inseridos são majoritariamente de pessoas mais propensas a terem participado de manifestações contra o *impeachment* – não em apoiar ou não o *impeachment*.

³ As novas tecnologias de informação e comunicação: redes sociais, sites, canais ou aplicativos da Internet como *Facebook*, *WhatsApp*, *Twitter*, *Youtube*, *Instagram* através de vários dispositivos como computador, celular, *tablets*, câmera fotográfica, etc.

Ao final do prazo disponibilizado para o preenchimento do questionário - de 12 de novembro de 2016 a 23 de dezembro de 2016 - totalizaram 705 respostas. Dessas, necessitamos excluir 210, pois responderam que não haviam participado nem das manifestações pró nem contra o *impeachment*. Também optamos por desconsiderar 34 respondentes que haviam participado de manifestações no interior do Estado (mas não em Porto Alegre) ou que haviam participado apenas em outros estados, por ser um efetivo muito pequeno no tamanho da amostra.

Apesar de ter sido amplamente divulgado nas redes sociais, apenas 6% das respostas válidas (que participaram das manifestações) - 29 respostas - não eram do público universitário - "ensino fundamental incompleto", "ensino fundamental cursando", "ensino fundamental completo", "ensino médio/técnico incompleto", "ensino médio/técnico cursando", "ensino médio/técnico completo". Sendo assim, nos focamos na análise do perfil de manifestantes que já haviam passado pelo nível superior de ensino - "superior incompleto", "superior cursando", "superior completo", "pós-graduação cursando", "pós-graduação". Da mesma forma, dos 433 respondentes apenas 71 participaram das manifestações a favor do *impeachment* (362 contra o *impeachment*), mas para fins de comparação resolvemos considerar os dois grupos. Para analisar as respostas foram utilizados os softwares IBM SPSS *Statistical* versão 23 e o *Microsoft Excel* 2016.

Esse trabalho divide-se da seguinte forma: revisão bibliográfica na primeira parte, perfil dos manifestantes na segunda parte e análise dos dados na terceira parte.

Entre dados e teorias: alguns apontamentos e diálogos em exercício

Desde Melucci (1994), há críticas quanto a uma abordagem que orienta-se somente para o visível-palpável ou o real-material dos movimentos sociais, esquecendo da face mais subterrânea - essencial na construção das identidades - constituída por redes de afeto, e pertencimento a múltiplas territorialidades, que por consequência, suscitam múltiplas interações e significados. Aqui, a arena do virtual entra neste mundo ainda escondido ou pouco valorizado em análises sociológicas, muitas ainda insistentes naquilo que seria, supostamente, mais "real" (em contraposição ao virtual) e hierarquicamente mais importante.

Uma perspectiva identitária é essencial para entender o complexo processo de engajamento de um sujeito cada vez mais multifacetado, e portanto, multi-identitário, diante de uma "realidade virtual", por assim dizer. Para engajar-se, é preciso identificar-se com tal movimento, é preciso aceitar minimamente ideias e ideais propostos, ainda que de forma inconsciente, incoerente, contraditória. Buscar "coerência política" no engajar-se pode talvez ser pouco útil em nossas análises. Esquerda e direita já fazem, desde sempre, essa busca constante. Como exemplos atuais disso, temos de um lado a figura do vereador de São Paulo Fernando Holiday - homem negro e assumidamente gay alinhado a uma direita conservadora, uma impossibilidade para muitos militantes à esquerda expressa no que comumente tem

chamado de “capitão do mato”; do outro lado, há a antiga, mas sempre recorrente narrativa de acusação à esquerda comprometida com os direitos humanos de que, na verdade, ela “defende bandidos”.

Nossa pesquisa percebeu a presença de um certo alinhamento político-identitário ainda que isso não deva ser reduzido como motivação única/central ao engajamento. A literatura tem superado ideias mecanicistas e de naturalização dos processos contestatórios dos quais se dariam por uma suposta “consciência política”, um certo espontaneísmo, em verdade, ainda muito presente no senso comum, inclusive o acadêmico. Há, pelo contrário, redes de relações (inter) organizacionais e (inter) pessoais, com fortes vínculos e mediações entre diferentes universos e atores, rede de afetos com motivações de toda ordem, políticas, econômicas, emocionais. Atributos e posição social contam, mas as experiências vividas, as trajetórias percorridas e as identidades construídas – todas sempre muito heterogêneas e plurais – também devem ser levadas em conta e aqui, para além das relações e universos sociais já tradicionalmente conhecidos (escola, família, trabalho) precisa-se pensar em termos de “relações digitais”, ou seja, o ciberespaço como um universo importante, e no limite, decisório.

Em tempos de sociedade em rede (CASTELLS, 2004), e sobretudo da informação (ANTUNES, 2008), é preciso abandonar a ideia de que é um espaço “menor” do que outros. Com episódios recentes como o do fechamento da exposição “Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira”, em setembro de 2017 na cidade de Porto Alegre (RS), estamos vendo o quanto informação é poder, e desinformação ainda mais. Em um cenário de pós-verdade e *fake news* – disseminadas sobretudo por meio de vídeos e fotos postadas e compartilhadas em redes sociais, como *Facebook* e *WhatsApp* –, a desinformação torna-se uma estratégia política bem-sucedida, como nesse caso, em que o Movimento Brasil Livre (MBL) operou jogando com o imaginário social acerca das questões de gênero e sexualidade. Na mesma temporalidade em que surgem projetos como o “Escola sem Partido”, na efervescência de um novo léxico como o da “ideologia de gênero”, e de novas narrativas como a “imposição de uma sociedade gayzista” e de outras nem tão novas assim, como a “destruição dos valores e da família tradicional brasileira”, o grupo de direita conseguiu capturar apoio de grupos religiosos, sobretudo evangélicos, e de conservadores em geral. O conseqüente cancelamento da exposição de arte, que imediatamente virou notícia, assunto em todo o país, só foi possível graças a um engajamento virtual.

Entretanto, não podemos cair em uma visão ingênua em relação às tecnologias. A chamada brecha ou exclusão digital (CAMACHO, 2005) é gerada no contexto de uma sociedade desigual que acaba excluindo de algumas pessoas o acesso às TIC's, de forma que as desigualdades sociais, de classe, raça, gênero e geração, se articulam com as desigualdades digitais. Ao tempo que Internet e dispositivos móveis reconfiguram relações, alteram as dinâmicas sociais e (re)constituem a identidade dos sujeitos, há ainda uma parcela significativa

da população *offline*⁴. Quanto mais desigualmente distribuídas forem as oportunidades, e, se pensarmos que o acesso à internet e dispositivos móveis é importante, e no limite, central para certo tipo de engajamento, então podemos talvez relacionar a baixa incidência das camadas mais pobres da população nas duas manifestações aqui analisadas ao baixo acesso às TIC's.

Agora, em um contexto de acesso digital, devemos pensar nos limites impostos pelas assim recentemente chamadas "bolhas virtuais", não muito diferentes das "bolhas reais" já existentes nos próprios polos político-ideológicos envolvidos nas manifestações, só que com singularidades e novos dilemas característicos do ciberespaço. Se no novo contexto de plataformas virtuais, cibercultura, ciberativismo e outras formas de ação coletiva, desobediência civil e engajamento contestatório, como o hackativismo (SILVEIRA, 2010) - usado tanto pela esquerda como pela direita, é nesse mesmo contexto de potência que precisamos pensar também os usos não previstos, os desdobramentos inesperados e as estratégias que deram errado.

Nesse sentido, o *Facebook* vem sendo criticado justamente por criar essas bolhas, pelas políticas adotadas com seus protocolos, algoritmos e métricas que parecem, muitas vezes, não criar um ambiente de diálogo, mas de promoção de extremismos. Recentemente, a política brasileira tem sido tratada (e vivida) em termos que negam a existência do Outro ou isolam tudo que lhes é diferente. Binarismos nefastos à nossa própria democracia (já frágil): de um lado, "coxinhas" e, de outro, "petralhas"; são os dois únicos lugares possíveis de encaixe. Nessa conjuntura, a criação de boatos e notícias falsas resultam em consequências reais e são parte de uma relativa facilidade e volatilidade, fluxos e refluxos de informação que surgem tão rápidos quanto velozes desaparecem. Um suposto passado de diálogo e alteridade não deve, entretanto, ser romantizado, como se a partir das TIC's tudo tivesse degradingolado em um caos insuportável.

As ferramentas oferecidas pelas redes sociais, como postar e compartilhar conteúdos os mais diversos, tem esse poder de espalhar a informação, e tem beneficiado movimentos sociais dos quais não tiveram historicamente voz em espaços "tradicionais" da militância: movimento feminista, negro, LGBT, entre outros.

Se as TIC's trouxeram maior dinamicidade aos processos de engajamento, elas também os tornaram mais efêmeros e frágeis, e aumentaram a complexidade não só dos fenômenos sociais, mas do campo de estudos que os observam, cada vez mais, com olhos atentos e questões desafiadoras.

A partir desses debates, procuramos nesse trabalho analisar os perfis dos manifestantes que participaram de protestos a favor e contra o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, no ano de 2016. Os manifestantes que responderam ao questionário usam a rede social *Facebook*, dado que eles tiveram contato com o questionário a partir desta. O questionário aplicado permitiu abordar algumas características do perfil dos indivíduos, a trajetória de

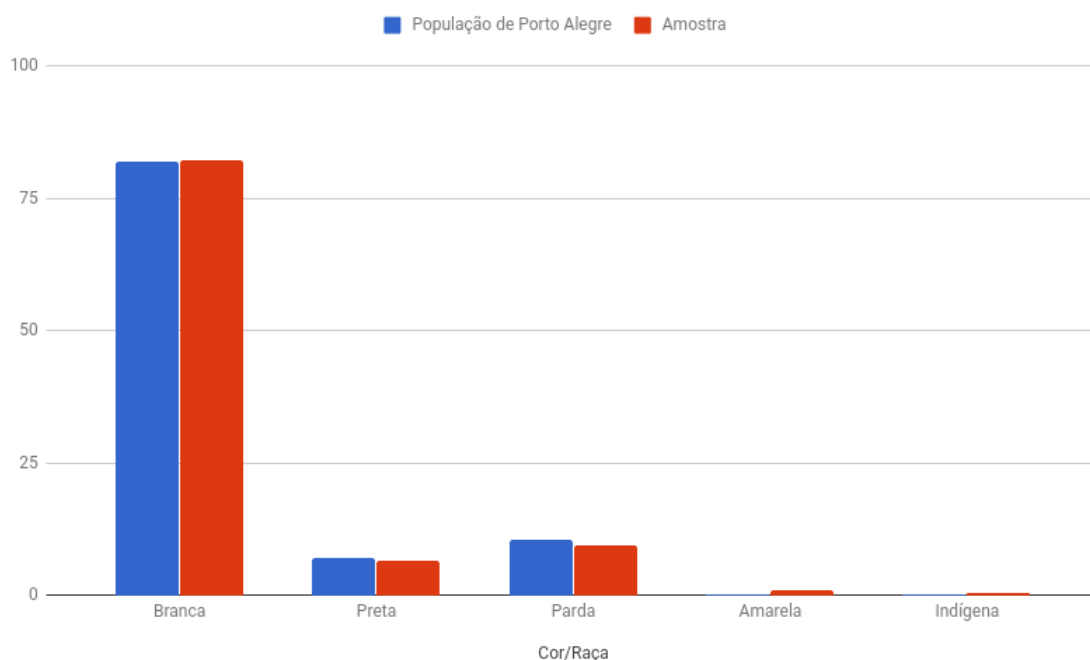
⁴ METADE DA POPULAÇÃO brasileira não tem acesso à internet. **Veja**. 14 de janeiro de 2016. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/economia/metade-da-populacao-brasileira-nao-tem-acesso-a-internet/>. Acesso em: 15 de abril de 2018.

engajamento político, a utilização de tecnologias de informação e comunicação e as representações dos respondentes em relação às manifestações que participaram e às manifestações contrárias e à ação da polícia nessas manifestações. A seguir, apresentaremos o perfil dos manifestantes que responderam ao questionário divulgado para a pesquisa.

Perfil dos manifestantes

Apresentamos aqui características dos 433 respondentes, em relação às variáveis de gênero, cor/raça, nível educacional, renda familiar e faixa etária. Em relação ao gênero dos manifestantes, 44% eram do gênero masculino (190 respostas) e 56% do gênero feminino (243 respostas). O gráfico 1 apresenta a representatividade da amostra em relação à raça e à cor dos respondentes em comparação com a população de Porto Alegre:

Gráfico 1 – Representatividade da amostra em relação a cor/raça da população de Porto Alegre (%)



Fonte: IBGE e Dados pesquisa. Elaborado pelos autores.

O quadro 1 a seguir apresenta a distribuição (em porcentagem) da amostra em relação ao nível educacional dos respondentes ao questionário utilizado. A categoria “Ensino superior cursando” corresponde à maior parcela da amostra analisada - com 49,57% - seguida de

“Ensino superior incompleto” (com 18,91%), “Pós-graduação” (com 14,35%), “Ensino superior completo” (com 11,09%) e, por último, “Pós-graduação cursando” (com 6,09%).

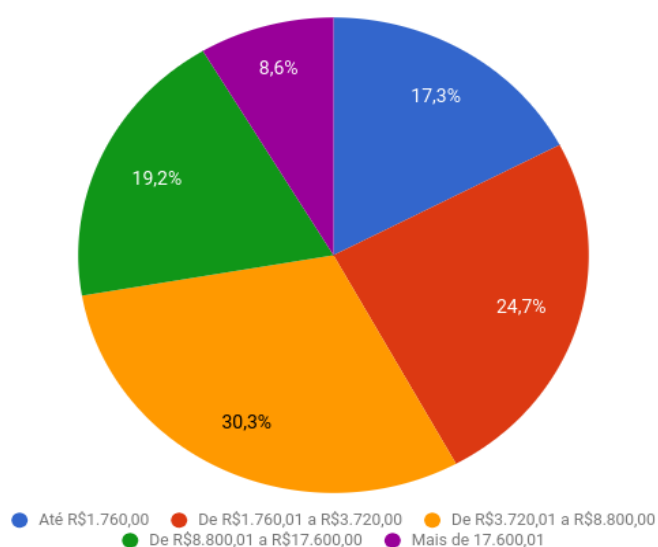
Quadro 1 – Distribuição da amostra em relação ao nível educacional (%)

Nível educacional	Total na amostra
Ensino superior incompleto	18.91
Ensino superior cursando	49.57
Ensino superior completo	11.09
Pós-graduação cursando	6.09
Pós-graduação	14.35

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores.

Quanto à renda familiar dos respondentes ao questionário, as faixas que mais apareceram foram as de “De R\$3.720,01 a R\$8.800,00” (30,3%) e “De R\$1.760,01 a R\$3.720,00” (24,7%), seguidas de “De R\$8.800,01 a R\$17.600,00” (19,2%), “Até R\$1.760,00” (17,3%) e “Mais de 17.600,01” (8,6%), como mostra o gráfico 2 a seguir:

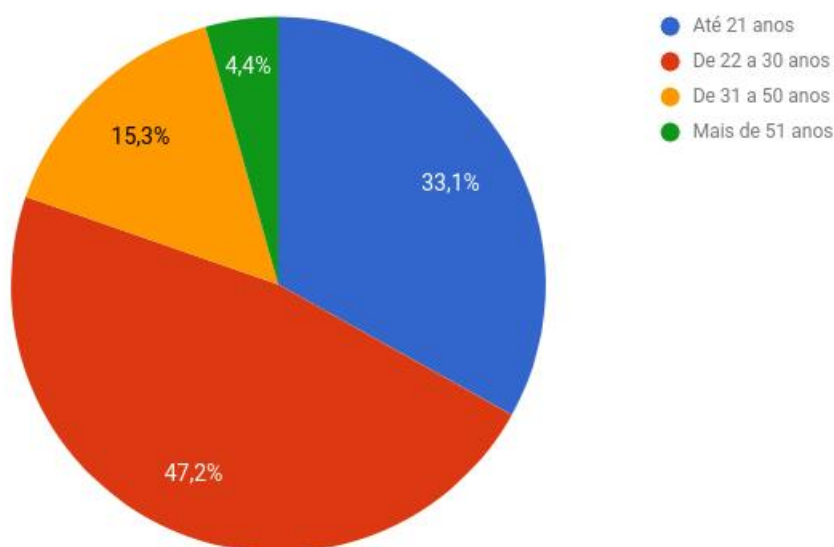
Gráfico 2 - Renda familiar dos manifestantes



Fonte: Dados pesquisa. Elaborado pelos autores.

Por fim, em relação à faixa etária dos respondentes ao questionário, aproximadamente 47% se encontravam na faixa “De 22 a 30 anos”, seguido de 33% na faixa “Até 21 anos”, o que é condizente com o fato de que estamos tratando diretamente com o público universitário, principalmente estudantes de graduação e pós-graduação. O gráfico 3 a seguir mostra essa distribuição por faixas:

Gráfico 3 - Faixa etária dos manifestantes⁵



Fonte: Dados pesquisa. Elaborado pelos autores.

A seguir analisaremos as respostas referentes aos três blocos de questões, conforme dito anteriormente: 1) trajetória de engajamento e ativismo político; 2) utilização de tecnologias de informação e comunicação (TIC's); 3) representações dos respondentes em relação às manifestações pró e contra *impeachment* e à ação da polícia nas manifestações.

As representações sociais dos manifestantes a favor e contra o impeachment: engajamento e democracia

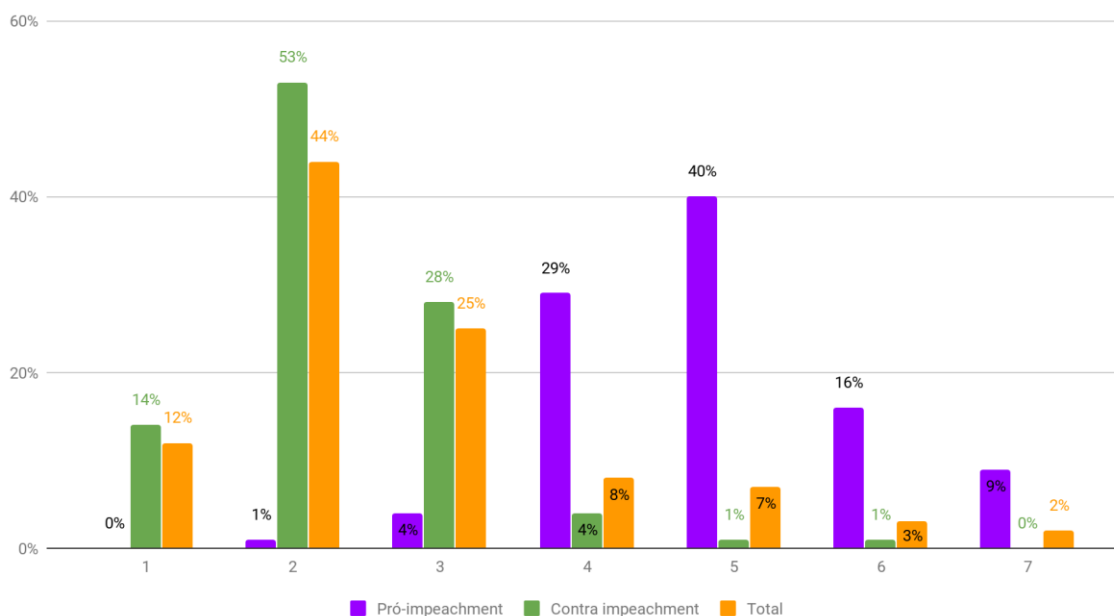
Nessa seção apresentamos a análise das respostas ao questionário em três partes: trajetória de engajamento e ativismo político dos manifestantes, utilização de tecnologias de informação e comunicação por parte desses manifestantes e opinião quanto às manifestações em que participaram e às manifestações contrárias; depredação de patrimônio público/privado e ação da polícia nas manifestações.

⁵ Não houve diferença considerável entre os manifestantes pró e contra o *impeachment*.

Trajétoria de engajamento e ativismo político

Na questão “Você considera que se localiza no espectro esquerda/direita?” era possível selecionar de 1 a 7, sendo o lado esquerdo do espectro (1) a extrema esquerda e o lado direito (7) a extrema direita e o centro representado pelo número 4. Nessa questão 424 pessoas responderam, sendo que 12% se consideravam de extrema esquerda e 2% de extrema direita. Separando os casos entre os participantes das manifestações pró (roxo no gráfico abaixo) e contra *impeachment* (verde no gráfico abaixo), há uma concentração nos números 4 e 5 entre os participantes das manifestações pró-*impeachment* e nos números 2 e 3 entre os participantes das manifestações contra o *impeachment*. O gráfico 4 apresenta a distribuição das respostas:

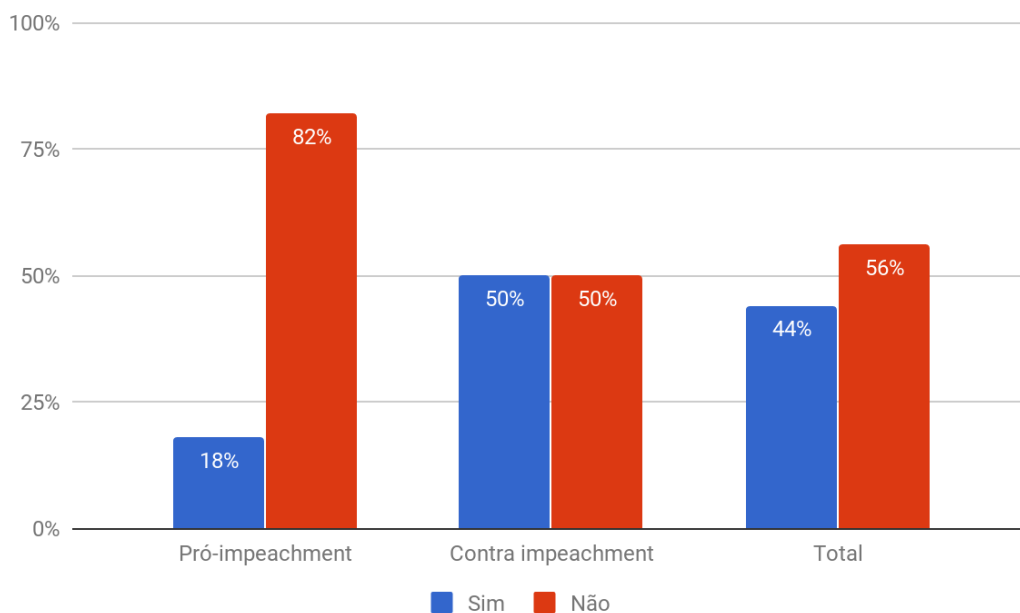
Gráfico 4 - Distribuição no espectro esquerda/direita entre os participantes das manifestações pró e contra o *impeachment* em Porto Alegre (%)



Fonte: Dados pesquisa. Elaborado pelos autores.

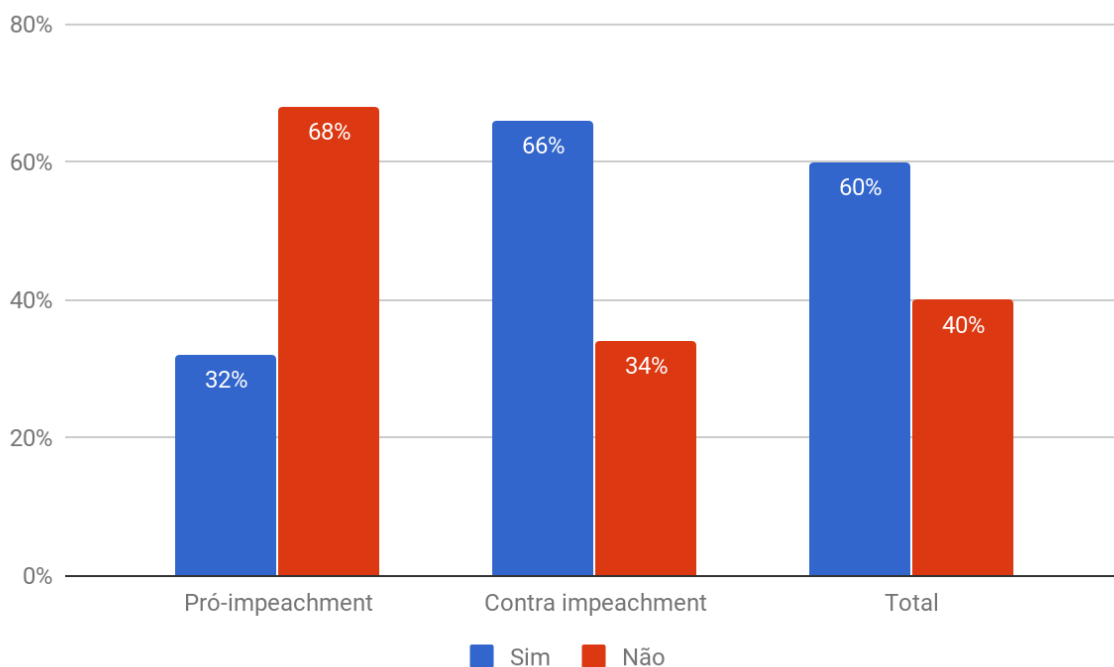
Em relação à questão “Você se considera um militante/ativista político?” 82% dos manifestantes que participaram das manifestações pró-*impeachment* responderam que não, enquanto 50% dos que participaram das manifestações contra o *impeachment* responderam que sim (gráfico 5). Já em relação à questão “Você já se envolvia politicamente antes de participar dessas manifestações?” 68% dos que participaram das manifestações pró-*impeachment* responderam que não, enquanto 66% que participaram das manifestações contra o *impeachment* responderam que sim (gráfico 6). Porém, 83% do total de respondentes disseram que acreditavam que iriam participar novamente de ações políticas (gráfico 7).

Gráfico 5 - Percentual de respondentes que se consideram militantes/ativistas políticos nas manifestações pró e contra o *impeachment*



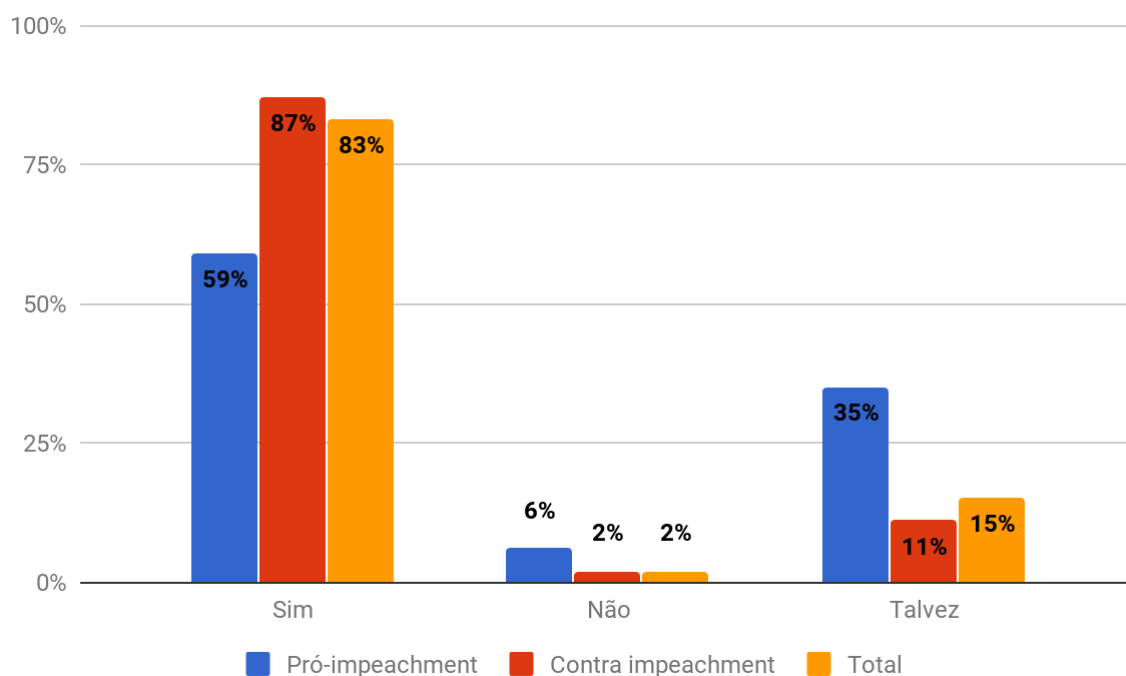
Fonte: Dados pesquisa. Elaborado pelos autores.

Gráfico 6 - Percentual de respondentes que se envolviam politicamente antes de participar das manifestações pró e contra o *impeachment*



Fonte: Dados pesquisa. Elaborado pelos autores.

Gráfico 7 - Percentual de respondentes que consideram que irão participar novamente de ações políticas



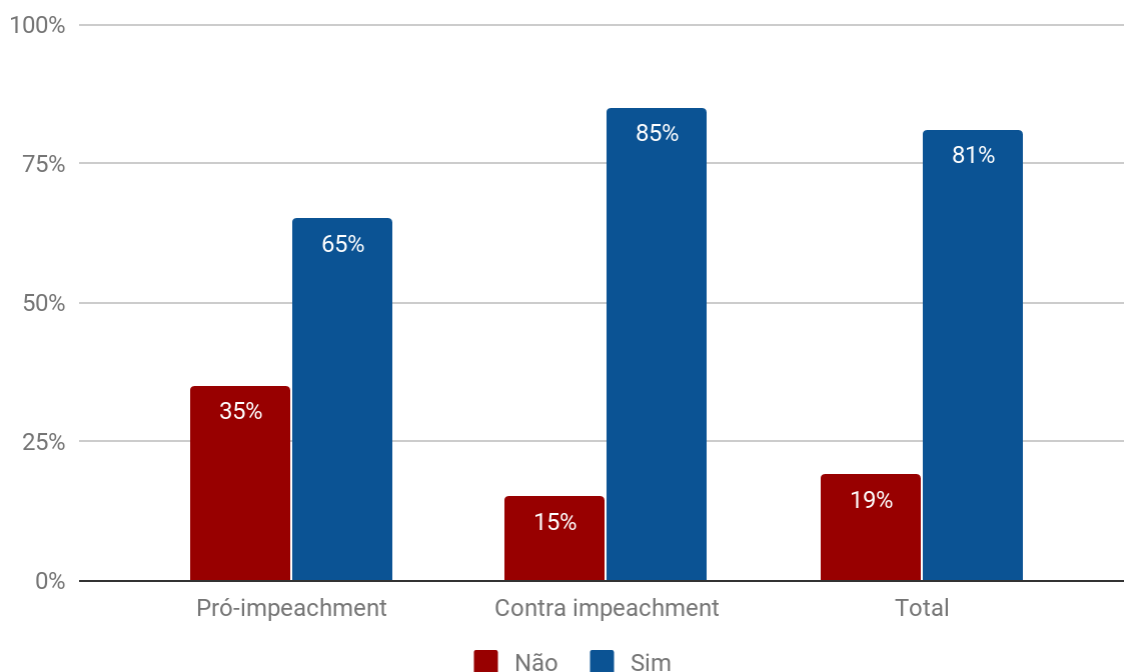
Fonte: Dados pesquisa. Elaborado pelos autores.

Porém, quando perguntados se estavam satisfeitos com a situação política atual no Brasil, 97% do total de respondentes informaram que não estavam satisfeitos, sendo 89% do total de manifestantes *pró-impeachment* e 99% do total de manifestantes contra o *impeachment*.

Utilização de tecnologias de informação e comunicação (TIC's)

Noventa e cinco por cento dos manifestantes que responderam à questão "Você considera que as redes sociais possibilitam um maior engajamento político?" consideravam que sim. Porém, quando perguntados se utilizavam as redes sociais para se engajar politicamente, essa proporção caiu para 81%, sendo que entre os manifestantes *pró-impeachment* apenas 65% utilizavam as redes sociais para esse fim, contra 85% dos manifestantes contra o *impeachment* (gráfico 8).

Gráfico 8 - Percentual de respondentes que consideram que as redes sociais possibilitam um maior engajamento político



Fonte: Dados pesquisa. Elaborado pelos autores.

Na questão "Como ficou sabendo das manifestações que participou?", era possível selecionar entre cinco respostas - "Rádio/TV/Jornais", "Redes Sociais", "Sites/Blogs", "Conversa amigos" e "Outros", podendo selecionar quantas opções quisessem. Os manifestantes contra o *impeachment* demonstraram utilizarem menos as mídias tradicionais: 31,50% disseram que ficaram sabendo pelas redes sociais e 46,41% pelas redes sociais e por conversas com amigos, enquanto as combinações com a opção "Rádio/TV/Jornais" ficaram entre 0,28% e 3,31% das respostas. Porém, as respostas dos manifestantes *pró-impeachment* estavam melhor distribuídas entre as combinações de respostas: 31% ficaram sabendo pelas redes sociais, 22,5% pelas redes sociais e conversa com amigos, 9,86% para cada combinação a seguir: a) Redes Sociais, Sites/Blogs e Conversa com amigos; b) Rádio/TV/Jornais, Redes Sociais e Conversa com amigos; c) Rádio/TV/Jornais, Redes Sociais, Sites/Blogs e Conversa com amigos.

Por outro lado, ambos os grupos apresentaram respostas parecidas quando indagados se haviam divulgado fotos/vídeos das manifestações - era possível selecionar quantas opções quisessem entre as seguintes: "Perfis pessoais nas redes sociais", "Sites", "WhatsApp", "Páginas/perfis que administra". Entre os manifestantes a favor do *impeachment*, 52,86%, e entre os manifestantes contra o *impeachment*, 30%, responderam que não haviam divulgado de nenhuma das formas. Assim, apesar de considerarem que as redes sociais possibilitam um maior engajamento político, não produzem conteúdo ou contribuem para essa produção.

Apenas 20% dos manifestantes a favor do *impeachment* informaram que divulgavam por perfis pessoais nas redes sociais e pelo WhatsApp, e 39,72% dos manifestantes contra o *impeachment* informaram que haviam divulgado por perfis pessoais nas redes sociais.

Representações quanto às manifestações

No questionário, constavam duas grades de múltipla escolha que perguntavam aos respondentes qual a opinião que eles tinham sobre cinco itens em relação às manifestações que participaram e às manifestações contrárias – as grades eram idênticas, mas apareciam em momentos distintos do questionário – com cinco opções de resposta: sim, não, talvez, não sei e não se aplica. A figura 1 a seguir apresenta uma das grades disponíveis no questionário.

Figura 1 - Grade de múltipla escolha disponível no questionário

Em relação as manifestações que você participou qual a sua opinião sobre os seguintes pontos:

	Sim	Não	Talvez	Não sei	Não se aplica
Foram legítimas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Foram democráticas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Representaram a opinião da grande maioria da população	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Foram manipuladas por grupos políticos/econômicos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Foram mostradas corretamente pela mídia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Fonte: questionário utilizado na pesquisa.

Em relação às manifestações que participaram 25,93% dos manifestantes a favor do *impeachment* consideraram que eram legítimas, democráticas, representaram a opinião da grande maioria da população e foram mostradas corretamente pela mídia, seguidos de 17,69% de respondentes que consideraram que eram apenas legítimas e democrática, mas que não representaram a opinião da grande maioria da população e não foram mostradas corretamente pela mídia. Dessa forma, considerando as respostas isoladas de cada opção 97% desse grupo de manifestantes responderam que as manifestações que participaram eram legítimas, 95% que eram democráticas e 73% que representaram a opinião da grande maioria da população, mas apenas 38% considerava que foram mostradas corretamente pela mídia.

Os manifestantes contra o *impeachment* também consideraram em sua maioria que as manifestações que participaram foram legítimas (98%) e democráticas (93%), mas apenas 41% consideravam que elas representaram a opinião da grande maioria da população. Assim, as combinações entre as respostas que mais apareceram nesse grupo foi: legítimas, democráticas e que representaram a opinião da grande maioria da população, com 35%, seguido de legítimas, democráticas e talvez para a opção “representaram a opinião da grande maioria da população”, com 13,46%. Porém, enquanto 38% dos manifestantes a favor do *impeachment* consideraram que a mídia mostrou corretamente as manifestações que participaram apenas 2% dos manifestantes contra o *impeachment* responderam sim para essa opção.

Por outro lado, em relação às manifestações contrárias, 13,21% dos manifestantes a favor do *impeachment* consideraram que elas eram legítimas, democráticas, manipuladas por grupos políticos e que foram mostradas corretamente pela mídia - contra 8,95% dos manifestantes contra o impeachment com a mesma combinação de respostas. A combinação de respostas que mais apareceu entre os manifestantes contrários (contra o *impeachment*) foi legítimas, democráticas e manipuladas por grupos políticos (18,29%), contra 9,43% dos favoráveis ao *impeachment* com essa combinação de respostas.

Tanto os manifestantes a favor quanto os contrários tiveram respostas próximas quanto à legitimidade - 71% e 75% - ao fato de serem democráticas ou não - 53% e 60% - serem manipuladas por grupos políticos/econômicos - 76% e 86% - e terem sido mostradas corretamente pela mídia - 31% e 26% - em relação às manifestações contrárias. Apenas em relação a representarem a opinião da grande maioria da população que apresentaram uma pequena disparidade - 11% e 2%. O quadro a seguir apresenta esses resultados.

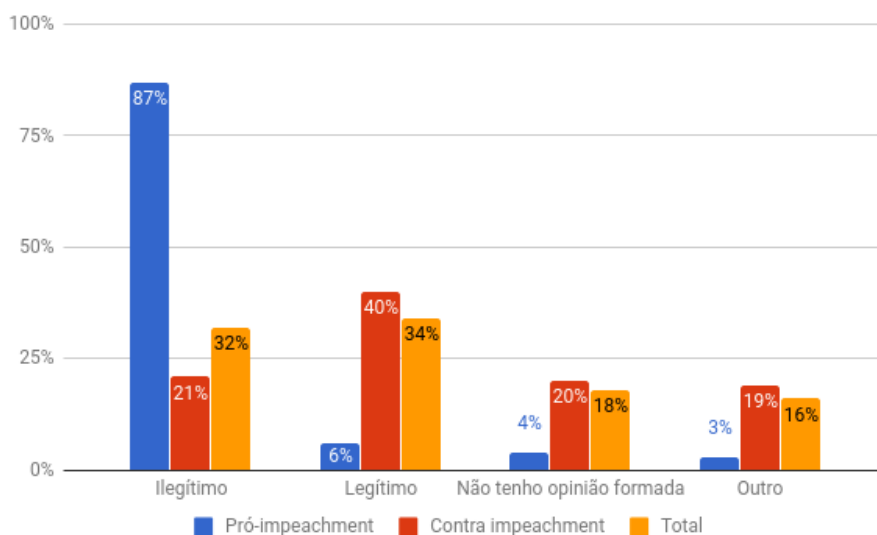
Quadro 2 - Percentual de respostas “sim” nas opiniões dos respondentes em relação as manifestações que participaram e as manifestações contrárias

	Considera que	Manifestações que participou	Manifestações contrárias
Pró-impeachment	Foram legítimas	97%	71%
	Foram democráticas	95%	53%
	Representaram a opinião da grande maioria da população	73%	2%
	Foram manipuladas por grupos políticos/econômicos	17%	76%
	Foram mostradas corretamente pela mídia	38%	31%
Contra Impeachment	Foram legítimas	98%	75%
	Foram democráticas	93%	60%
	Representaram a opinião da grande maioria da população	41%	11%
	Foram manipuladas por grupos políticos/econômicos	14%	86%
	Foram mostradas corretamente pela mídia	2%	26%

Fonte: Dados pesquisa. Elaborado pelos autores.

Os participantes das manifestações a favor responderam, em sua maioria (87%), que consideravam ilegítimas as manifestações em que patrimônio público/privado eram danificados, contra 21% dos participantes das manifestações contrárias, que por sua vez, consideravam que eram legítimas (40%) ou não tinham opinião formada (20%), como mostra o gráfico 9.

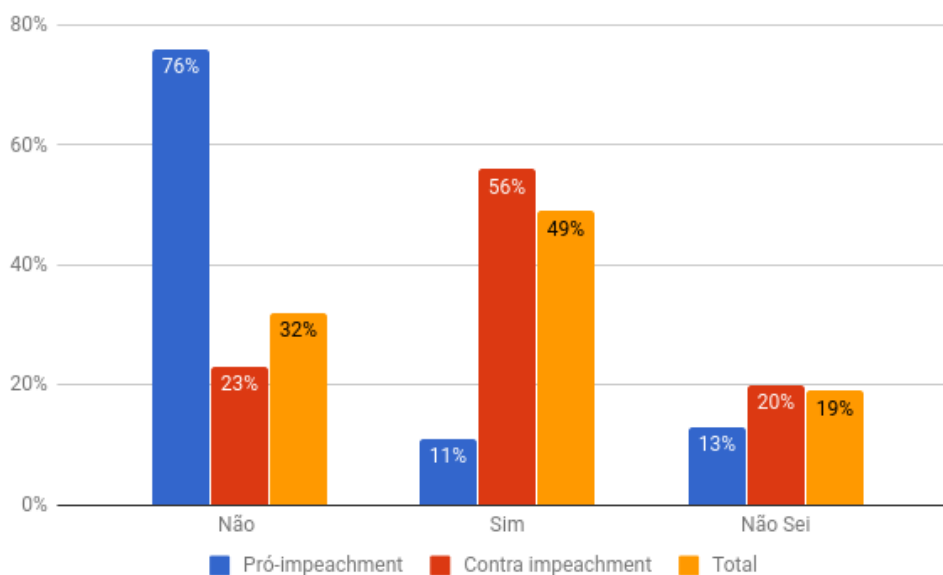
Gráfico 9 - Opinião dos respondentes sobre manifestações em que há depredação de patrimônio público/privado (%)



Fonte: Dados pesquisa. Elaborado pelos autores.

Do mesmo modo, 76% dos manifestantes a favor do impeachment informaram que nas manifestações que participaram não houve depredação de patrimônio público/privado, contra 56% dos manifestantes que participaram das manifestações contra o *impeachment* (gráfico 10).

Gráfico 10 - Respostas dos manifestantes quanto a questão "Nas manifestações que você participou algum patrimônio público/privado foi danificado?"



Fonte: Dados pesquisa. Elaborado pelos autores.

Por fim, 95% de ambos os grupos disseram que a polícia esteve presente nas manifestações que participaram. Porém, 70% dos manifestantes que participaram das manifestações favoráveis ao impeachment informaram que a única forma de atuação da polícia foi de garantir a segurança dos manifestantes e auxiliou no fechamento das vias públicas para garantir o fluxo da manifestação, enquanto 32% dos participantes contrários informaram que a polícia impediu o fluxo da manifestação, utilizou-se de bombas de gás/spray de pimenta, entrou em confronto com os manifestantes e prendeu manifestantes.

Conclusões

A pesquisa realizada levou-nos a traçar algumas características dos perfis dos manifestantes pró e contra *impeachment*. Um público em sua maioria branco, jovem, de classe média e universitário que utilizou as redes sociais como fonte de conhecimento sobre os protestos e que também acredita no poder delas possibilitarem um maior engajamento político. Quanto aos pontos levantados em relação à mídia, polícia e depredação de patrimônio público/privado, os dois grupos responderam de forma correspondente ao que se esperava do espectro político a que se identificaram: de um lado o grupo pró *impeachment* - alinhado mais à direita – apresentou, em sua maioria, posição favorável à ação da polícia e contrária a ações de depredação de patrimônio, do outro lado o grupo contra o *impeachment* - alinhado mais à esquerda – apresentou posição contrária à ação da polícia e mais propício a não ser contrário às ações de depredação de patrimônio. Em relação à opinião frente à mídia, os manifestantes a favor do *impeachment* consideraram que a mídia representou de forma satisfatória as manifestações de ambos os lados, diferente dos manifestantes contra o *impeachment*, que consideraram que a mídia apenas representou de forma satisfatória as manifestações contrárias.

Outras pesquisas, como o estudo da Data Popular, indicaram que $\frac{3}{4}$ da população, principalmente camada C e D não se viram nessa disputa polarizada que julga, antes, ser uma briga entre elites. De um lado mais presente o empresariado e do outro o funcionalismo público e a intelectualidade, em ambos os lados foram parcelas mais ricas do que a maior parte da população brasileira. Da mesma forma, nossa pesquisa também contribui para discutir, que tanto “à direita” quanto “à esquerda”, não foram, decididamente, as camadas mais baixas as que saíram às ruas, pois o cidadão médio brasileiro sequer acreditou na narrativa do “golpe”, tampouco confiou nos grupos a favor da derrubada da ex-presidenta.

Salienta-se uma das principais diferenças entre os manifestantes: enquanto a maioria dos manifestantes a favor do *impeachment* não participavam de mobilizações políticas antes de terem participado destas manifestações e não se consideravam um ativista ou militante político os manifestantes contra o *impeachment* mostraram que não só se envolviam politicamente como se consideravam militantes ou ativistas. De todo modo, ambos os grupos

consideravam que voltariam a participar politicamente em outras ocasiões, o que ressalta a importância dessas manifestações na vida política dos participantes.

Importante também é a noção de democracia em ambos os grupos, demonstrada na diferença entre como os participantes viam as manifestações das quais participaram e aquelas consideradas contrárias. Assim, quase a totalidade dos respondentes consideravam que as manifestações que participaram eram legítimas e democráticas e não haviam sido manipuladas por grupos políticos, mas tinham a opinião oposta sobre as manifestações contrárias às suas.

Com o esforço da produção de dados apresentado aqui, para caracterizar os manifestantes pró e contra impeachment da presidenta Dilma, esperamos que o trabalho dialogue com outras investigações realizadas sobre o tema, fomentando análises teóricas fundamentadas empiricamente.

Referências

ANTUNES, Ana. **Sociedade da informação**. Coimbra:[Sn], 2008.

CAMACHO, Kemly. **Palabras em juego**: enfoque multiculturales sobre las sociedades de la información. La *brecha* digital, p. 61-71, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet**: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

MELUCCI, Alberto. Asumir un compromiso: identidad y movilización en los movimientos sociales. **Zona Abierta**, 69, p. 153-180, 1994.

METADE DA POPULAÇÃO brasileira não tem acesso à internet. **Veja**. 14 de janeiro de 2016. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/economia/metade-da-populacao-brasileira-nao-tem-acesso-a-internet/>. Acesso em: 15 de abril de 2018.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Ciberativismo, cultura e o individualismo colaborativo. **Revista USP**, São Paulo, n.86, p. 28-39, junho/agosto, 2010.

Recebido: 15/04/2018

Aceito: 12/06/2018

Publicado: 28/09/2018